

LUIS PINHO - O talento de um pintor

Desde que me lembro, via com espanto a facilidade com que o meu primo desenhava e pintava. A espontaneidade do traço decidido, o emergir das formas com uma fluência mágica, a harmonia das cores, a elaboração surpreendente dos contrastes, a capacidade de idealizar e visualizar imagens, revelavam o seu talento inato. Ele tinha o poder de ver, no branco do papel, a imagem idealizada e era só decalcar, pensava eu.

Ao contemplarmos os quadros de Luís Pinho é evidente o poder comunicativo das imagens e a sua personalidade estruturada e assertiva, de quem sabe o que quer realizar na vida e tem a certeza de estar à altura de o fazer bem. Sendo uma pessoa alegre, extrovertida e animado conversador, pré anunciava os seus períodos de misantropia que considerava retiros para reflexão e pintura.

Em nenhuma das instituições de ensino que frequentou, escola primária e colégios, encontrou alguém que valorizasse ou, simplesmente, reconhecesse o dom excecional do aluno para o desenho e a pintura, pelo contrário, esta faculdade, expressa desde criança, foi desprezada e o Luís sofreu as agruras de um sistema de ensino inculto e obscuro que marginalizou o aluno sobredotado. O artista fica assim sujeito, a um percurso atribulado, conflituoso, onde dificilmente encontrava as respostas à sua curiosidade viva. Tornou-se assim um inadaptado, vítima

dos programas escolares vigentes à época o que lhe causou algum mal-estar.

Desperto e atento ao mundo das artes e da cultura em geral, era um mau aluno! Não obstante era estudioso, consciente das debilidades dos seus conhecimentos ainda pouco alicerçados e, procurava dar resposta à sede de saber através de um esforço autodidacta, fora do círculo-oficial das artes e do seu ensino. O desencontro e confronto de ideias entre o pensamento dominante institucionalizado e as vanguardas das artes são quase inevitáveis como parte de um processo natural. Embora consciente dessa situação, sofria profundamente por não frequentar as escolas onde teria oportunidade de aprender a dominar as diversas técnicas da pintura, em particular, do óleo sobre tela, tarefa que tinha programado para iniciar em finais de 1968.

Contudo o inconformismo do artista não é tanto com o *statu quo* do mundo que o rodeia, mas essencialmente consigo próprio, no elevado grau de exigência que aplica ao seu trabalho. Mais do que querer ser um grande pintor ele sente a responsabilidade de o ser, cabendo-lhe apenas o árduo trabalho de realizar a obra. No desafio para alcançar o absoluto na arte da pintura é incontornável a análise-crítica que faz sistematicamente aos resultados do trabalho o que leva a uma permanente bipolaridade entre momentos gratificantes e de frustração numa permanente ansiedade de criar novas imagens, abrindo novas visões, pensamentos e formas que se acrescentam ao mundo. O reconhecimento público do seu mérito como pintor começou quando, na exposição que teve lugar no Teatro Avenida em S. João da Madeira e que se repete em Lisboa na Associação dos Estudantes do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, aberta pelo estimado Professor Adriano Moreira, as pessoas

pousavam o olhar nos quadros e paravam o tempo para, em silêncio, darem lugar à emoção estética que só acontece perante as autênticas obras de arte.

Luís Pinho era um leitor compulsivo, de tudo o que lhe trouxesse informação sobre as artes em geral, sempre com uma mente aberta e receptiva que o levava a procurar as obras de referência da pintura, conhecer os seus autores e admirar o mérito singular de cada uma delas. Estudava os movimentos, as correntes de ideias, sem pré-conceitos, sem juízos pré-definidos mas com apurado trabalho interpretativo e sentido crítico com vista à influência que teriam no seu percurso como pintor. Esta genuína curiosidade aberta revela-se na diversidade da sua pintura, com incursões despreocupadas nos domínios do impressionismo, do expressionismo, do realismo, do surrealismo, do cubismo, do pontilhismo, do fauvismo, entre outros abordados como estudos e exercícios académicos.

A exploração do abstraccionismo não era um acto de conveniência por se sentir incapaz de uma pintura figurativa e realista, pelo contrário, o seu à-vontade no desenho figurativo contrastava com a exigente inquietação com que mergulhava no abstraccionismo. Acabado um quadro avaliava-o, ciente de que cada imagem pintada transcende sempre as ideias subjectivas que possam ter estado na sua origem, ganha uma identidade própria. A obra conseguida surpreendia o próprio autor que se deparava com a nova realidade emocional que se desenvolvia a partir da imagem criada. Quando o resultado ficava aquém reconhecia-o cruamente e colhia a preciosa experiência porque a produção pictórica alimenta-se de imagens conceptuais que resultam, não da visão, mas da imaginação, que depende do conhecimento.

A informação sobre os diversos movimentos e correntes da pintura, que se multiplicaram desde os finais do sec. XIX, eram recebidos como novidades deslumbrantes, referências de culto sobre as quais não chegou a ter tempo de exercer um juízo crítico e um posicionamento pessoal selectivo. A descoberta do mundo para um jovem de 20 anos nos anos 60, era um desafio intelectual facilitado pelo turbilhão de músicas, de ideias, de valores e de simples informação pública e publicada que então começou a circular e a ser mundialmente partilhada por uma geração que se exprime e conquista poder. Recordo-o a declamar, de Apollinaire, *Les Fenêtres: “Du rouge au vert tout le jaune se meurt” (Do vermelho ao verde todo amarelo morre)* , e, de Paul Eluard, *“La terre est bleue comme une orange Jamais une erreur les mots ne mentent pas “ (A terra é azul como uma laranja Jamais um erro as palavras não mentem).*

É este contexto global do pensamento e da cultura que dá o enquadramento à produção das pinturas de Luis Pinho que devem ser vistas como um conjunto germinal onde há estudos iniciáticos e obras de arte plenamente conseguida.

O carvão que mostra um casal vietnamita dá testemunho da atenção de Luís Pinho às questões sociais da actualidade e, de algum modo, esta imagem desenhada nos 1966 dá mostra da realidade trágica que vem depois, também a ser revelada na fotografia de Nick UT de 8 de Junho de 1972 na *Associated Press*.

Outro desenho a carvão ilustra a angústia dos pescadores do Furadouro onde, na mesma altura - 1965, Paulo Rocha filmava *“Mudar de vida”*.

Não seria correto classificar esta obra de ecléctica, vejamo-la antes como um conjunto de trabalhos exploratórios, ensaios sobre a arte de pintar,

uma obra inacabada que mostra o génio de um pintor. Merece atenção a forma como trata a relação da ideia com a imagem. A sua pintura perturba, inquieta, emociona e interpela-nos para reagir com agrado ou desagrado sem nos deixar indiferentes. Preocupava-o a utilidade da arte, associada à elevação do espírito, à educação do gosto, à sensibilidade estética generalizada, abrangendo a arquitectura, o Design industrial observando o exemplo da Bauhaus sem ignorar as provocações de Marcel Duchamp. O texto de André Breton *“O surrealismo e a pintura”*, inquietou-o ao convocar uma comunicação dos sonhos e do inconsciente através da imagem e por muito que Luís Pinho exultasse com as teses da *“arte-inconsciente”* de Berton não deixava de sentir uma certa apreensão, e mesmo desconforto nessas referências datadas.

Creio que a sua pintura iria ao encontro de um Neorromantismo pautado pela poética do sublime com imagens figurativas de um olhar selectivo sobre o quotidiano. *“O tronco de eucalipto na púcara sobre fundo castanho”* é de uma poderosa autenticidade e de um virtuosismo simples, perfeito e cativante. É uma das suas últimas obras deixando para trás os devaneios e as angústias existenciais e privilegiando a cultura como um porto seguro para o pensamento, empenhado na defesa de valores éticos e estéticos.

Luís Pinho sofria com as armadilhas dos símbolos, queria fugir das expressões evidentes e evitar as mensagens, dando todo o espaço ao absoluto estético da imagem, liberta de qualquer compromisso. O sentido da pintura está para além de tudo o que o seu autor pretende dizer. O valor do quadro está no que ele exprime por si, ultrapassando qualquer intenção discursiva. Isso é evidente no quadro da *“menina que transporta chapéus”*, porventura a obra mais conseguida de Luís Pinho, onde as

formas são modeladas pelas cores com uma luminosidade intrínseca que lhes dá graciosidade e movimento. A composição da imagem encerra e exprime muito mais do que o que ela mostra mas que se revela ao olhar do observador de uma forma absoluta e comovente alcançando um hiper-realismo preceptivo deixando para o domínio material do quadro a poética flutuante das cores onde nos espanta a subtileza das formas, a expressão posicional dos braços, a fragilidade infantil das costas, a simetria curva dos chapéus, o arranjo do cabelo, tudo integrado numa harmonia cromática que mostra o génio do pintor.

A pintura de Luís Pinho cria e encerra a sua própria realidade transcendendo representações mais ou menos figurativas e as abstrações que ele não considerava como gesto libertador. Cada quadro valia pela sua identidade solta, com o seu sentido próprio para além das coisas representadas as quais passam a segundo plano dando lugar ao pleno da imagem com a sua poética original que materializa a pintura. Superar o conteúdo representativo da imagem conferindo-lhe o “ser” e “poder” da emoção que acontece no acto da sua contemplação.

Se, em geral, é possível separar no tempo, no espaço e na mente, a vida profissional e a vida particular, no caso dos artistas essa arrumação é muito difícil, porventura mesmo impossível. Toda a vida do artista é obsessivamente centrada e dedicada à sua obra, tudo se estrutura e organiza em torno dela e esse comportamento parece e presta-se a ser visto como um desmedido egocentrismo.

Daí podermos confundir a dedicação extrema, mesmo obsessiva, do artista ao seu trabalho, com egoísmo. Mas é um erro de análise, uma falta de compreensão, considerar egoísta uma pessoa que era genuinamente

generosa e preocupada com o próximo mas, não obstante, tudo se organizava a partir da sua arte. A pintura era a sua “finalidade” e todos os acontecimentos e questões eram equacionados e explorados para densificar a carga emocional e inspiradora do pintor. O talento artístico, a faculdade de desenhar eram fluentes mas, entre este condão e a produção de uma pintura no absoluto da arte, havia sempre um caminho desconhecido a percorrer.

Os quadros mostrados agora, nesta exposição, foram produzidos há cerca de meio século entre 1965-68, a variedade dos temas e das linguagens revelam um quase sistemático trabalho de estudo e pesquisa sobre técnicas, formas, conteúdos e correspondências da obra autonomizada com a poética das sensações que induz no observador.

Luís Pinho tinha noção de que o valor substantivo da sua pintura seria determinado pelas leituras, interpretações e emoções das pessoas enquanto observadores, sem desprezar o pensamento da sua referenciação histórica e apropriação cultural. Era nesta dimensão e ambição de participar no processo da criação artística, que a sua obra estava a evoluir considerando que a arte e, neste caso, a pintura, tem, na sua essência, uma base racional que lhe impõe liberdade, autenticidade e independência sendo o seu objectivo puramente estético, o que não diminui o seu sentido, valor e função social. A razão, não o racionalismo positivista, era para ele um porto seguro no meio de uma tempestade nocturna e faz recorrentemente o apelo à razão em apontamentos e cartas a amigos o que é merecedor de atenção. Não é inocente nem ingénua esta necessidade de alicerçar a emoção, a formação subjectiva da vontade, da ética do comportamento e da estética numa base sustentada pelos valores da razão. O motivo era encontrar paz de espírito,

entendimento, segurança em sentido lato; o que ganhava particular acutilância no pensar de um jovem que se encontrava na iminência de ser mobilizado para combater numa guerra.

Um acidente de automóvel tirou-lhe a vida em Junho de 1968 e fica a doer para a eternidade a trágica falta do familiar e amigo e a perda de um génio nos seus primeiros passos com toda a obra que ficou por realizar e que sentimos como tesouro cultural que nos foi sonogado.

Ficou este acervo de 43 pinturas que hoje nos comprometemos a salvaguardar para sempre.

Sidónio Pardal

S. João da Madeira

Maio de 2017



Ilustração 1 – Luís Pinho , 1967



Ilustração 2 - Luís Pinho , 1967

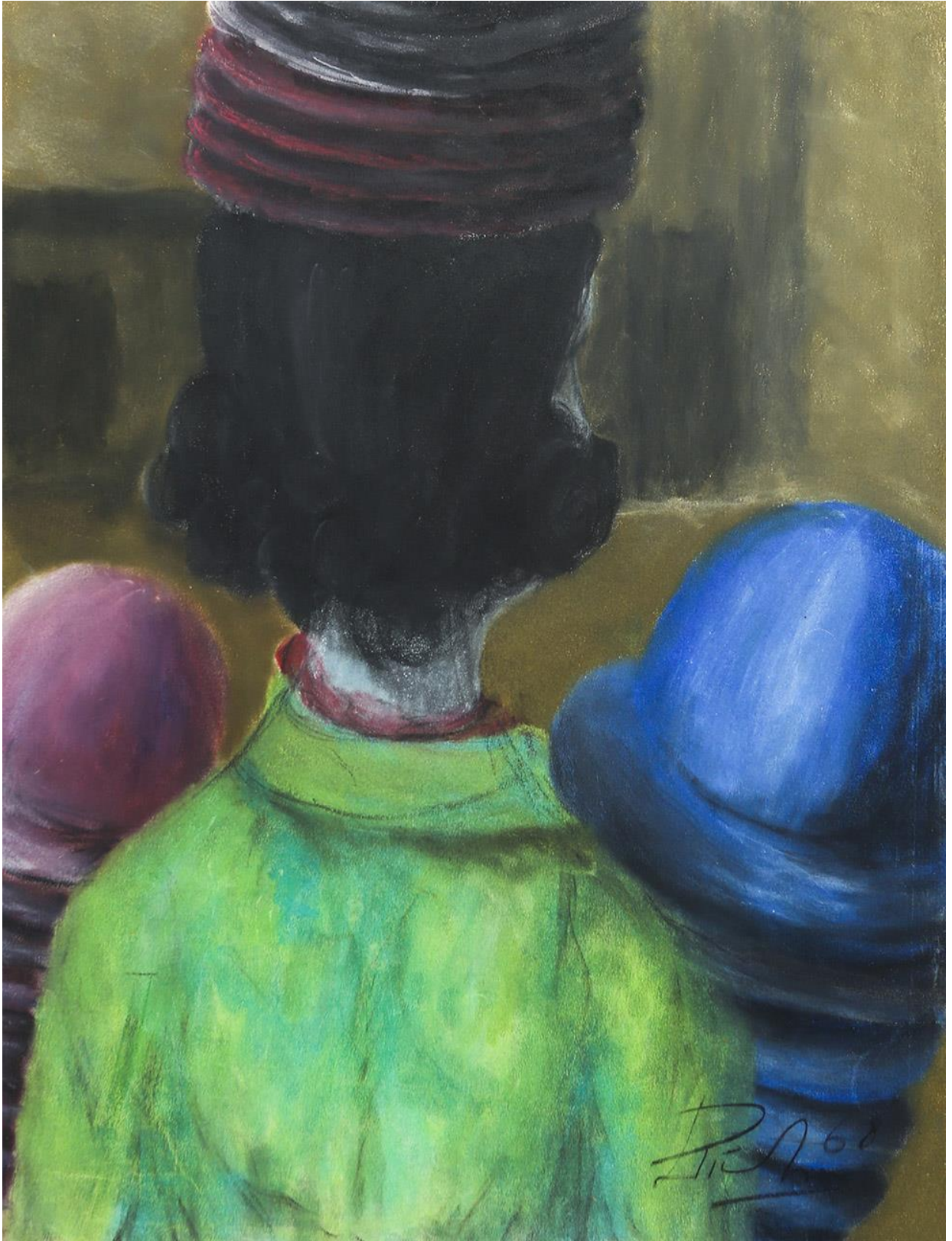


Ilustração 3 - Luís Pinho , 1967



Ilustração 4 - Luís Pinho , 1967